

Douglas Pearce e Richard Butler (eds), *Tourism Research - Critiques and Challenges*, **Routledge, Londres, 1993, 227p.**

The relationship between sociology and tourism is a never-ceasing source of amazement. It is a relationship that should be self-evident since it is a well-known fact that tourism, as a social practice and a representation, as well as a system of action and decision-making, is becoming an increasingly important dynamic of contemporary societies. However, the marriage between sociology and tourism is fraught with difficulties. It has become commonplace among those research scientists interested in this object of study — such as geographers, sociologists, anthropologists, as well as psychologists, semiologists, political scientists, historians and many others — to deplore the difficulties encountered in earning recognition for their research within their own respective disciplines (Crick, 1989).

Marie-Françoise Lanfant, autora do capítulo “**Methodological and conceptual issues raised by the study of international tourism — a test for sociology**” (p.p. 71-87), inicia a sua abordagem com a citação acima transcrita, argumentando que a difícil relação entre a sociologia e o turismo constitui um obstáculo epistemológico para o desenvolvimento deste campo de investigação, particularmente acentuado no seu objecto de estudo — o turismo internacional. Questiona-se, então, o que é um objecto sociológico?

Esta questão ocupou um lugar central na epistemologia sociológica desde Durkheim. É pela mediação linguística que a sociologia encontra o turismo como um facto social. A palavra “turismo” invade o discurso social, aparece como um motivo condutor na mais

banal das conversas, assim como nas reflexões filosóficas, entranha-se no discurso político e emerge no discurso científico. Turismo faz parte da rede de trocas linguísticas e como tal está ligado às estruturas que articulam estas trocas. É a partir daqui que se desenha o seu significado como facto social (p. 73).

A tese central de Lanfant é a tentativa de desenvolver um conceito global do fenómeno turístico que se está a formar no ponto de articulação dos mundos moderno e tradicional, industrial e arcaico, rural e urbano. Utiliza o conceito de fenómeno social total, aplicando uma aproximação sistemática pluridimensional, com a qual a sua argumentação já não se baseia num ponto de referência fixo, mas começa por definir o objecto sociológico dentro de um sistema de interrelações.

No campo do turismo internacional, a escolha de uma análise sistemática provou ser determinante, já que normalmente o turismo é transcendido pela noção de troca internacional, na qual as relações que estabelece entre os mundos subdesenvolvido e desenvolvido são recíprocas. As sociedades de acolhimento “enriquecem” devido à troca patrocinada pelos turistas provenientes dos países ricos. O turismo é representado como meio de redistribuição de rendimentos provenientes dos países ricos para os países pobres. Estamos, segundo Lanfant, perante um modelo ideológico que é o substituto da teoria da troca, quando a difusão mundial do turismo internacional gera processos que atravessam, dividem e separam os sistemas culturais e minam a imagem que as sociedades têm de si mesmas.

Lanfant, num outro texto¹ onde aborda o papel que a identidade joga nas trocas turísticas internacionais, afirma: "A sensibilidade que se manifesta no campo social relativamente ao problema da identidade associado ao desenvolvimento do turismo no mundo está carregado de significado. Este apelo à identidade (...) tem um carácter paradoxal porque ele não emana das sociedades investidas pelo turismo internacional. Ele emana da tecnoestrutura e dos centros políticos internacionais; é um apelo destinado ao outro, às sociedades de acolhimento, para que elas produzam e afirmem uma identidade. Este apelo à identidade não tem um carácter de revolta ou de raiva; não tem um carácter ofensivo ou defensivo; é um apelo fraternal, um apelo à hospitalidade do outro"².

Neste segundo texto, Lanfant exemplifica claramente a tese defendida no capítulo que estamos a recensar, que recorde-se, é a de que o fenómeno turístico se está a formar no ponto de articulação nos mundos moderno e tradicional, industrial e arcaico, rural e urbano.

A ilustração de Lanfant centra-se na afirmação de que "nós observamos que as sociedades de acolhimento, perante a necessidade de se oferecerem como produto turístico à venda no mercado de oferta, encontram-se num processo de comercialização da sua cultura (...). Estas sociedades estão submetidas a uma contradição muito importante (...) onde são chamadas a abrir-se ao exterior e a modernizar-se pela função turística: as sociedades locais estão ao mesmo tempo implicadas num reinvestimento do seu passado, reestruturação do seu património, na manutenção e revitalização das suas tradições. Podemos dizer que todas as vilas que dispõem de um castelo, de uma igreja romana ou gótica (...), de uma

quinta — último traço de um passado camponês — se lançam em operações de restauração na perspectiva do futuro turístico. E nestes lugares, o turista pode ter a certeza de encontrar um ancião, o último, que lhe pode falar do que foi a vida tradicional. O «tradicional» chama fortemente os turistas, estando em curso uma reintrodução massiva nos produtos turísticos deste tipo de primitividade necessária para a boa venda do produto"³.

No contexto da obra que aqui nos ocupa — **Tourism Research — Critiques and Challenges** -, reunindo dez textos de investigadores de várias proveniências disciplinares em torno de um conjunto de abordagens críticas, tendo como preocupação central o aprofundamento do debate teórico-metodológico deste objecto multidisciplinar, Lanfant partilha esta perspectiva com Hawkins, Richie e Dann.

Hawkins, autor do capítulo "**Global assessment of tourism policy: a process model**" (p.p. 175-200), desenvolve um modelo de análise que se propõe ultrapassar as limitações evidentes do turismo internacional, frisando a necessidade de o turismo se transformar numa actividade responsável, onde o papel das comunidades de acolhimento não pode ser ignorado. Identifica no fenómeno turístico um conflito tradição/modernidade, afirmando que no contexto da sociedade global a diversidade cultural deve ser reconhecida. Hawkins chama ainda a atenção para a crescente centralidade do ambiente no desenvolvimento turístico (p. 185).

A este propósito, veja-se Rob Davidson, autor da obra **Tourism in Europe**⁴, que considera situarem-se entre as várias novas formas de turismo em expansão na Europa, o turismo sustentável e o turismo rural. É, aliás, este autor que propõe a utilização de um código colorido como aproximação

mais genérica às tipologias de turismo: Turismo Verde (actividades turísticas em espaço rural); Turismo Branco (actividades turísticas ligadas à neve); Turismo Azul (sol e praia); e Turismo das Luzes (turismo urbano). A apetência pelo «produto» verde é tão central que Davidson identifica seis nomenclaturas para a mesma tipologia: Turismo Alternativo; Turismo Responsável; Turismo Discreto; Ecoturismo; Turismo Sustentável; e Turismo Suave.

Esta emergência do Turismo Responsável tem sido habitualmente analisada como resposta a um modelo turístico massificado e saturado. Davidson considera que os impactes físicos e sociais do turismo de massas apenas explicam parcialmente as recentes alterações nos gostos dos europeus. Para este autor podem identificar-se ainda, pelo menos, quatro outras causas: 1) a expansão das preocupações ecológicas e sociológicas dos anos 80; 2) o aumento das preocupações pela saúde pessoal; 3) o aumento da sofisticação do consumo e o aumento generalizado das férias repartidas; 4) maior confiança dos consumidores traduzida no desafio de férias mais independentes⁵.

A proposta explicativa de Davidson remete-nos para a problemática das motivações turísticas, tema abundantemente tratado na literatura especializada, que ocupa totalmente Pearce no texto “**Fundamentals of tourist motivation**” (p.p. 113-134) e merece reflexão por parte de Przeclawsky no capítulo “**Tourism as the subject of interdisciplinary research**” (p.p. 9-19).

Pearce, um geógrafo com uma longa carreira em investigação turística, desenvolve uma abordagem «múltiplos-motivos» para melhor apreensão das motivações turísticas. Parte da grelha de análise de Gouldner e Mackintosh⁶, de orientação predominantemente psicoló-

gica, realça as motivações intrínsecas e propõe um cruzamento com uma perspectiva mais sociológica onde ressaltam as motivações extrínsecas.

Przeclawsky, perante a complexidade do fenómeno turístico, defende a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, centrando a sua análise no significado que as diferenças filosóficas entre os investigadores representam nos estudos do turismo. É este autor, que no contexto de uma abordagem interdisciplinar, constrói uma tipologia baseada nas motivações da procura, identificando dez formas diferentes de turismo: 1) como contacto com a cultura, natureza e pessoas; 2) como lazer e divertimento; 3) como tratamento da saúde; 4) como forma de criatividade; 5) como forma de educação; 6) por motivo de negócios; 7) por motivos religiosos; 8) por razões familiares; 9) como desinibidor; 10) induzido pela publicidade (p. 12). A preocupação do autor centra-se em torno do desenvolvimento de um instrumento metodológico passível de ser operacionalizado numa abordagem interdisciplinar.

As preocupações metodológicas são ainda o epicentro do desenvolvimento dos trabalhos de Pearce, Cohen e Dann.

Pearce, no seu segundo texto desta obra, “**Comparative studies in tourism research**” (p.p. 20-35), ocupa-se da abordagem comparativa como método a aprofundar na investigação em turismo, elaborando uma revisão sistemática das questões que se colocam e salientando as virtualidades da sua aplicação.

Cohen, no texto “**The study of touristic images of native people: mitigating the stereotype of a stereotype**” (p.p. 36-69), aborda criticamente, num estudo de natureza sociológica, as imagens turísticas onde alguns aspectos da análise comparativa são tratados ainda que ao nível de fontes secundárias.

Mas, é Dann que, no capítulo **“Limitations in the use of «nationality» and «country of residence» variables”** (p. p. 88-112), apresenta uma perspectiva bastante crítica sobre as análises comparativas com base nas duas variáveis mencionadas, considerando quatro níveis de factores que contribuem para a deficiente capacidade explicativa destas variáveis: 1) a globalização do turismo; 2) a natureza cosmopolita das sociedades emissoras; 3) a natureza pluralista das sociedades receptoras; 4) a limitada interacção visitante/visitado, tendo apenas em atenção a nacionalidade e o país de residência.

Em alternativa, Dann propõe uma combinação de dimensões com as seguintes variáveis: Personalidade; Papel; Cultura; Classe Social; e Estilo de Vida. Citando Oyen, Dann ilustra a deficiente capacidade explicativa das variáveis em questão: *“The air we breathe is polluted from faraway sources. An understanding of poverty in the Third World cannot be isolated from a consideration of the wealth accumulated in rich countries. The suppression of minorities becomes public property throughout the world when caught by television. Within such a perspective, the use of countries as units in comparative research may not appear to be the most fruitful approach”* (p. 99).

É talvez este o autor que se encontra mais próximo do quadro de reflexão de Lanfant, operacionalizando teórica e metodologicamente algumas das dimensões do turismo internacional com reduzida visibilidade social em virtude das variáveis utilizadas.

Numa área, frequentemente muito próxima desta e que tem visto a sua visibilidade social aumentar, a problemática dos estudos de impacte também merece destaque nesta colectânea, por excelência, dedicada às problemáticas

teórico-metodológicas no campo do turismo.

Butler, no capítulo **“Pre-and-post impact assessment of tourist development”** (p.p. 135-154), analisa criticamente os processos de avaliação dos impactes que o desenvolvimento turístico provoca, argumentando que o pressuposto de que o turismo é uma actividade homogénea tem originado predominantemente estudos genéricos às escalas regional e municipal que conduzem à subavaliação dos impactes do turismo. Butler discute metodologicamente a aplicação destes estudos a projectos de desenvolvimento específicos como forma de tornar mais eficazes os estudos de impacte das actividades turísticas. Este autor faz ainda uma análise curiosa ao nível das características predominantes dos vários tipos de estudos de impacte em função dos seus produtores — estudos do sector público, do sector privado e estudos académicos. Segundo Butler, os estudos do sector público centram-se preferencialmente nos impactes ambientais, focam um caso específico e debruçam-se sobre a situação actual, sendo maioritariamente neutros, raramente publicados, desempenhando ainda um papel muito elevado nas tomadas de decisão. Quanto aos estudos de impacte do sector privado centram-se essencialmente nos aspectos económicos e na realidade actual, são maioritariamente positivos, raramente publicados e desempenham igualmente um elevado papel no processo de decisão. Finalmente, os estudos académicos centram-se preferencialmente nos aspectos sociais, debruçam-se sobre a situação actual e futura, têm uma perspectiva maioritariamente crítica, são usualmente publicados, mas desempenham um papel residual na tomada de decisão. Também com o objectivo de tornar socialmente mais visível o trabalho que tem vindo a ser realizado neste

vasto campo nos diferentes países, Richie, no último texto desta colectânea, "**Tourism research: policy and managerial priorities for the 1990s and beyond**" (p.p. 201-216), propõe a criação de uma «Global Tourism Research Network» (216) por forma a criar mecanismos que efectivamente assegurem a participação da investigação no Turismo do Futuro. Richie argumenta que as grandes transformações do turismo, e sobretudo a globalização das actividades turísticas no mundo, prefiguram a necessidade da discussão de uma agenda de investigação, onde na sua opinião avultem, entre outros, temas como o Turismo e Ambiente; o Turismo Responsável; e o Turismo e as Relações Norte-Sul.

Estes temas, ainda que recentes na literatura turística, constituem um fio condutor nesta colectânea, embora com enfoques distintos. Mesmo do ponto de vista da literatura mais normativa associada à problemática do planeamento, a introdução dos critérios de sustentabilidade, responsabilidade e diversidade cultural é uma constante. Veja-se, por exemplo, Pigram, "**Planning for tourism in rural areas: bridging the policy implementation gap**" (p.p. 156-174), que argumenta que o principal papel do planeamento é gerir a procura e a capacidade de acolhimento de forma a minimizar os conflitos em espaço rural e contribuir para a completa utilização do seu potencial sem deteriorar o seu recurso base — o próprio espaço rural (p. 172).

Podendo identificar-se como fio condutor desta colectânea um ponto de viragem na abordagem do turismo, sobretudo na emergência das preocupações sociológicas e ecológicas, não deixam de poder ser identificados dois modelos de análise distintos.

Um primeiro, que parte da dinâmica sócio-cultural das sociedades industrializadas e pós-industrializadas e que

tenta estudar o turismo como um fenómeno que se difunde a partir de um centro à escala mundial. Este modelo faz depender o turismo da evolução das sociedades desenvolvidas que produzem cada vez mais tempo livre e, consequentemente, assenta nas motivações individuais.

O segundo modelo parte da hipótese de que o turismo é um facto internacional, o que rompe com a conceptualização de uma procura de lazer centrada nas sociedades desenvolvidas. Desta abordagem pode equacionar-se uma representação do turismo enquanto fenómeno social total. Finalizemos com as interrogações de Marie-Françoise Lanfant que ilustram exemplarmente a riqueza deste campo analítico: "pourquoi, nous, touristes des sociétés post-industrielles tendues vers le futur, cherchons à consommer quelque chose qui est appelé à disparaître? Pourquoi cette menace est-elle source d'attrance? Il y a là quelque chose que excite ma curiosité et me fait considérer les visées civilisatrices du tourisme. Dans les enceintes internationales, on a tendance à penser que le tourisme est un instrument de reconnaissance mutuelle entre les peuples, un vecteur de coexistence pacifique, un moyen d'aller à la rencontre de l'autre et du monde. Mais si on dépasse ce premier degré d'appréhension du tourisme, il y a derrière ces fonctions apparentes d'autres fonctions qui sont plus profondément ancrées dans la subjectivité de notre culture contemporaine"⁷.

Graça Joaquim

Notas Bibliográficas:

⁷ Lanfant, Marie-Françoise, "L'identité en jeu dans l'échange touristique international" in *Sociologia Urbana e Rurale*, nº 38, Ed.

- Universidade de Bolonha, 1992, pp. 171-176
- ² Idem, p. 174
- ³ Ibidem, p. 175
- ⁴ Davidson, Rob, **Tourism in Europe**, Ed. Pitman, Techniplus, Londres, 1992
- ⁵ Idem, p. 127/128
- ⁶ Gouldner e Mackintosh, **Tourism, Principles, Practices and Philosophies**, Ed. John Wiley & Sons, Inc., E.U.A., 1986
- ⁷ Lanfant, op. cit., p. 175/176